

# Criação literária: concepções de Dyonelio Machado

## *Literary creation: Dyonelio Machado's conceptions*

CAMILO MATTAR RAABE\*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil

**Resumo:** O presente estudo analisa as concepções de Dyonelio Machado sobre o processo de criação literária, considerando depoimentos conferidos para a mídia e artigos sobre literatura publicados em jornal. Clássico escritor da segunda geração do modernismo, Dyonelio teve prolífera atuação em diferentes áreas, um dos primeiros psicanalistas do Rio Grande do Sul e um dos introdutores da bibliografia freudiana em seu estado, bem como teve importante atividade como político marxista e revolucionário, fatores que influenciaram em sua literatura e determinaram seu processo de criação. Dyonelio Machado considera que a criação literária é bem próxima da psicanálise, sendo a ficção sempre motivada por um processo de sublimação de conflitos interiores, o que parece coerente considerando sua biografia e a produção ficcional.

**Palavras-chave:** criação literária; Dyonelio Machado; psicanálise.

**Abstract:** The present work studies Dyonelio Machado's conceptions about literary creation considering his own depositions, present in literary criticism and interviews he published in newspapers. Classical writer of modernism second generation, Dyonelio had a prolific actuation in different areas, he was one of the firsts psychoanalysts from Rio Grande do Sul and one of the introducers of Freudian bibliography in his state, also an important and revolutionary actuation as Marxist politician, what influenced his literature and determined his creation process. Dyonelio Machado considers that literary creation is very close to psychoanalysis, being fiction always motivated by the sublimation of his own internal conflicts, what is coherent considering his biography and his fiction.

**Keywords:** literary creation; Dyonelio Machado; psychoanalysis.

\* Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), doutorando em Teoria da Literatura (PUCRS). <[camiloraabe@hotmail.com](mailto:camiloraabe@hotmail.com)>.



Dyonelio Machado foi influente escritor da segunda geração do Modernismo e um dos nomes mais significativos do romance de 1930. Sua literatura explora a condição do homem urbano em meio à arbitrariedade e a opressão do sistema em que inseridos, inaugurando nova temática e estética no panorama literário da época<sup>1</sup>. Autor de uma obra de vanguarda, foi mal recebido em meio aos padrões em voga, o que, aliado a concepções revolucionárias de ideologia marxista, dificultou a edição de seus trabalhos, chegando a passar vinte anos sem publicar, mesmo depois de ter conquistado premiações nacionais, período em que continuou desenvolvendo sua produção literária.

A vida política de DM – o envolvimento com a Aliança Nacional Libertadora e os consequentes dois anos de prisão, de 1935 a 1937, assim como sua eleição à Assembleia Legislativa pelo Partido Comunista, em 1947 – influenciou sobremaneira a recepção de sua obra e é comumente reconhecida como fator principal para a falta de aceitabilidade e circulação de seus trabalhos. Estigmatizado pela atuação política de ideologia marxista, sobretudo em seu Estado – o qual considerava de mentalidade extremamente provinciana –, aliado à crise do sistema editorial – apontada em entrevistas pelo escritor –, sua obra, apesar das premiações recebidas, foi pouco reconhecida, tendo os editores interesse apenas em *Os ratos*, de 1935, ignorando os originais que passaram anos engavetados, até mesmo depois da morte do autor.

A criação literária de DM está bastante relacionada à sua vida, suas experiências:

<sup>1</sup> Estudado por Maria Zenilda Grawunder, especialmente em *Instituição literária: Análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*, 1997.

desde sua formação na infância, sua formação psicanalítica, a experiência como Médico Alienista durante as décadas em que trabalhou no Hospital Psiquiátrico São Pedro, as perseguições políticas, a atividade jornalística, enfim, todas essas facetas de Dyonelio estão presentes, mesmo que de forma indireta, em suas obras. Em entrevistas cedidas ao longo de sua vida – sobretudo na década de 1970 – aponta diversos dos acontecimentos mais marcantes de sua existência, o modo como tais vivências fundamentaram o seu caráter e, conseqüentemente, influenciaram a sua produção literária, não deixando de transparecer o caráter psicanalítico de suas colocações.

Naturalmente os depoimentos de Dyonelio Machado podem apresentar aspectos fictícios sobre seu processo criativo, mesmo proferindo informações semelhantes ao longo dos vários depoimentos cedidos num notável espaço de tempo. Por outro lado, a validade de suas palavras transcende a veracidade das falas, onde a rica associação de suas experiências como escritor à ciência da psicanálise apresenta-se como uma oportunidade interessante para ponderar o processo de criação literária.

Ao buscarmos compreender o processo de criação de um dado escritor, devemos reconhecer que sua trajetória varia de uma obra para outra, considerando as suas especificidades. Notemos, pois, tal resposta de Dyonelio Machado, em que podemos contemplar algumas considerações acerca da criação de três de seus romances, nos quais reconhecemos sua riqueza, assim como a impossibilidade de adequarmos a alguma forma-padrão o método próprio de criação do escritor.

Numa produção literária de alta qualidade como a sua, a inspiração e o trabalho caminham paralelamente ou há um predomínio maior de um ou de outro?

A questão é interessante. Salvante a "alta qualidade", que minha obra não possui, vale tratar desses elementos fundamentais da feitura dum livro, sobretudo de ficção. Ao lado de obras que levaram anos para serem compostas, por isso que necessitavam de pesquisa, outras já se encontram feitas. Neste último caso incluo *O louco do Cati*. A tal ponto ruminado, que nasceu num leito de doente, sem outra escrivantina senão a da família – Adalgisa, nas horas vagas, e Cecília, que a adolescência dava forças e tempo. Em contrapartida *Deuses econômicos*, que me tomaram dez anos. No meio dessa barafunda, há uma particularidade: *Os ratos*, que levou nove anos de inspiração, só tomou vinte noites de trabalho<sup>2</sup>.

Tais elementos levam, pois, a uma instância de caráter mais abstrato, que abrange desde o surgimento das ideias – construção da trama, criação das personagens – até suas motivações para escrever. Pode-se dizer que os estudos de Crítica Genética, focados nos documentos manuscritos, já contribuíram muito para desmistificar a gênese de uma obra, antes atribuída à musa inspiradora de tantos rapsodos e poetas, mesmo que tal relação, entre inspiração e trabalho, assim como expresso na citação precedente, ainda encerre um mistério insondável.

Acerca da gênese das obras mencionadas, é válido ressaltar o processo de produção de *Deuses econômicos* (1966), romance cuja trama desenvolve-se no século I a.C., na Roma imperial, de impecável precisão

histórica. Dyonelio, na apresentação da segunda edição do seu romance (1976, p.09) diz ter comentado à imprensa do Rio de Janeiro que “concebera uma ideia cujas dimensões, além de a tornarem em princípio irrealizável, assumiam um caráter de idolátrica ambição”. Tal projeto demandou cerca de uma década de estudos, pesquisas, traduções, encomendas internacionais de livros, a fim de averiguar as questões históricas e geográficas relativas à ambientação do romance, assim como para o escritor conseguir se projetar com naturalidade àquele contexto, vivenciando, por assim dizer, suas personagens. No presente caso, podemos julgar natural *Deuses Econômicos* ter demandado tanto tempo em sua gênese, caso em que prevalece o trabalho, propriamente dito, sobre a inspiração. Mas no caso de *Os ratos*, “que levou nove anos de inspiração, só tomou vinte noites de trabalho”, a proposta e suas motivações eram outras, surgiu com o relato de um sonho da mãe de Dyonelio, de que ratos roíam o dinheiro que deixara para o leiteiro; o fato de ter sido escrito em vinte noites deve-se ao prazo do Prêmio Machado de Assis, do qual seria um dos vencedores.

A dicotomia inspiração-trabalho é, provavelmente, o aspecto mais intrigante da criação literária e artística em geral, que, notoriamente, instiga a curiosidade dos apreciadores e estudiosos da arte. Nos rastros deixados no processo de criação em dadas obras de Dyonelio Machado, é possível evidenciar o gradual processo de escritura de alguns trabalhos; no caso de *Endiabrados* (1980), encontramos diversas versões de um mesmo capítulo, mudança de nomes de personagens e até mesmo do próprio título da obra, além de inúmeras rasuras, reescrituras,

<sup>2</sup> MACHADO, Dyonelio. In: RODRIGUES, Iara; BONILLA, Aniluz. *Além do Cri-cri*, Porto Alegre, ano 10, n. 3, p. 1-3, maio 1980.

esboços. Tais considerações contribuem para compreendermos que existe todo um labor árduo por parte do escritor, na busca pela obra almejada.

A partir do estudo dos manuscritos, contemplamos o que, sem exagero, é reconhecido pela Crítica Genética como um campo de batalha. É lícito dizer que o processo de criação surge numa instância abstrata – a das ideias – a qual, por vezes, é apenas uma vaga impressão do que há de ser expresso pelo escritor, que – num processo de rasuras, correções, reescrituras – vai reconhecendo a obra desejada, ou não; reconhecendo, também, num processo de alteridade, a acessibilidade da obra por parte do leitor. O projeto da obra exige do escritor uma aproximação concreta e formal capaz de *traduzir* os elementos mais íntimos que subjazem às motivações da criação, desenvolvendo uma relação harmônica e equilibrada entre subjetividade e objetividade, elementos integrantes da estética literária. Daí o que diferencia os artistas de outras pessoas: a sua capacidade de traduzir tais emoções em palavras.

Acerca da dicotomia inspiração e trabalho, o primeiro quesito exige algumas considerações maiores, tão impreciso e vago. Consideremos a resposta de Dyonelio quando questionado acerca do tema:

Todo romance inspira-se em algo. Às vezes num outro romance. Foi o caso do *Primo Basílio* de Eça de Queirós, cujo tema central, como ninguém ignora, deriva da *Madame Bovary*, de Flaubert. É exato que o romancista português introduziu tanto do seu gênio criador no livro, que ele vale como uma das maiores e mais originais realizações da literatura lusa. Outros autores – e para mim são os melhores – inspiram-se na vida. Muitas vezes na sua própria vida

– que é não somente deles, mas dum grande número de indivíduos – como se dá com Dostoiévski. Há igualmente os que vão procurar inspiração com exclusividade na vida ambiente, despersonalizando a sua obra. Estes granjeiam – não vou negar – a minha maior predileção<sup>3</sup>.

A busca de inspiração em outras obras não é desmerecida, uma vez reconhecido que a literariedade não se limita à questão temática apenas, mas permeia diversos outros elementos do conjunto, o “gênio criador” próprio do autor; no entanto, os escritores que “inspiram-se na vida” são de maior predileção para DM. Desta classe caracterizam-se dois grupos: os que buscam inspiração em sua própria vida – “que não é somente deles, mas dum grande número de indivíduos” – e os que buscam “inspiração com exclusividade na vida ambiente, despersonalizando sua obra”. Nos grupos caracterizados da segunda classe, transparece muito da obra de Dyonelio – linguagem, temática, personagens –, tanto como de sua pessoa, que se considerava um “universalista geral”, sendo sua “arte feita para o maior número de pessoas entenderem”.<sup>4</sup> Não podemos deixar de notar a influência da psicanálise em seu discurso, também não deixando de expressar preocupações de ordem sociológica em sua colocação.

Sobre criação literária é interessante o contexto do artista, uma vez que as suas relações com a sociedade, com a cultura da época, são definitivas na sua construção como ser e, conseqüentemente, na sua expressão artística. O primeiro

<sup>3</sup> MACHADO, Dyonelio. *Moema*. (Original do autor, sem data, Acervo Literário Dyonelio Machado – Delfos)

<sup>4</sup> MACHADO, Dyonelio. In: ROSE, Marco Túlio de. Dyonelio Machado, o último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 38-39, 26 dez. 1975.

momento do processo criativo dá-se na relação do escritor com a vida ambiente: primeiramente através de suas vivências, que fomentarão as bases de sua personalidade; e, numa seguinte instância, na observação do ambiente, seja dos hábitos sociais, assim como de acontecimentos que motivaram uma dada temática. E nesse sentir de forma tão sensível a realidade ambiente encontra-se a inspiração, nessa relação de sensibilidade e subjetividade do artista, subjetividade, essa, que também é motivadora na temática e estética de dado escritor.

Considerando a relação entre vivências biográficas e criação literária, segue um depoimento de Dyonelio Machado, o qual tem como foco a relação entre a literatura e a medicina. Nele o escritor expressa a influência das suas vivências como médico e como as experiências contribuiriam para a constituição de seu ser e, conseqüentemente, de sua obra.

Longe de se chocarem, a Medicina e a Literatura, em particular a de ficção, se conciliam admiravelmente. Ainda mais: exigindo vivências cada vez mais profundas por parte do artista, encontra no médico a sua fonte inexaurível, dada a natureza do material que ele profissionalmente manipula. Não quero dizer que transforme os seus casos em figuras de romance. Mas, colocado no centro mesmo das correntes emocionais mais intensas – as que promanam da doença e da morte – ele está apto, em a Arte ajudando, a produzir também uma vida ou a criar uma outra natureza – que é todo o objetivo da Arte. Aliás, isso talvez explique o grande número de médicos escritores.<sup>5</sup>

A transfiguração do mundo exterior e do mundo interior consiste numa espécie de transmutação consumada na obra final, na criação de novas vidas. O escritor não usa elementos concretos de sua vivência de médico, mas sua experiência como tal contribui pelo fato de estar no centro de correntes emocionais de maior intensidade, as da doença e da morte, de modo a proporcionar vivências profundas – não as vivências como médico, mas a possibilidade e sensibilidade de vivenciar em outro nível de profundidade as suas experiências, alcançando o âmago, o vórtice criador.

O contexto no qual o escritor está inserido, e ainda elementos acerca de sua biografia, são interessantes para nos aproximarmos do cerne motivador da obra. O contexto social tem grande influência na obra a ser produzida, e as vivências do escritor condicionarão a sua visão de mundo, uma vez que o prisma da subjetividade atua no que apreenderemos em relação ao ambiente, bem como o modo com que o mesmo lidará com as suas vivências e com as limitações que a sociedade, a família, enfim, que a vida impõe. Essa transfiguração entre a realidade interna e externa dá-se através da criação, a qual traduz, mesmo que sem relação aparente com a realidade, a tensão interna do artista, um prisma que desloca o trivial do dia a dia e busca sentidos além de sua ordinariedade.

Uma vez considerados alguns elementos acerca da relação do escritor com o ambiente, partiremos para os depoimentos relativos ao momento em que se desenvolve a escritura da obra, não deixando de considerar ocorrências psicológicas significativas no processo de criação de Dyonelio Machado, assim como

<sup>5</sup> MACHADO, Dyonelio. In: GASTAL, Ney. Dyonelio Machado: A literatura está em conflito com a época. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 7, 7 jul. 1973.

vivências do escritor quando relacionadas à criação. Consideremos o excerto de uma entrevista cedida a Antônio Hohlfeldt, publicada em duas partes no jornal *Correio do Povo*, na década de setenta:

AH – (...) que tipo de relação você, escritor, você, criador, passa a manter com a criatura, passa a manter com a personagem à medida em que ela vai surgindo?

DM – Eu vou só te dizer uma coisa, não sei se te satisfaço a pergunta ou se entro no sentido da tua pergunta. O Dostoievsky dizia ao falar das novelas dele – eu li isso em francês: “Je me plais le rêve que se l’écire”. (Eu gosto mais de sonhar com as novelas do que de escrevê-las.) Neste sonho, a gente se identifica tremendamente. E se identifica de uma maneira que é a personagem que escreve aquilo. Não é piada isso. Os atos vêm de personagens mesmo. E o escritor que não se cinja disso, que não fica sendo um instrumento da personagem, não é um escritor. Fará uma bela crônica, não faz um livro de ficção<sup>6</sup>.

A presente citação é importante por ilustrar comentários acerca do processo de escritura da obra, instância de que podemos nos aproximar apenas através dos manuscritos remanescentes do processo de criação. Ainda, nos traz uma relação contrastiva entre o processo de imaginar a obra e o desafio de objetivar o seu devaneio em palavras, contemplado na citação de Dostoievsky.

A identificação do escritor com a obra em labor chega ao ápice do mesmo atuar como “instrumento da personagem”, numa

espécie de sonho que – por si próprio – é mais prazeroso que o próprio ato de escrever. O artista vive a história que escreve e se entrega a ela – ponto que não podemos deixar de associar aos diálogos platônicos, em considerar o poeta um ser “possuído” por uma força divina (Ion, 534 E). Para Platão, os poetas não criam por sabedoria, “mas por um dom da natureza ou por inspiração divina, como os adivinhos que sabem de oráculos que também falam de muitas e belas coisas, mas nada sabem do que dizem” (*Apologia de Sócrates*, 22 C). A criação tem como base as relações significativas entre o mundo exterior e interior do artista, no entanto, no movimento de transfiguração de tais realidades, o ser encontra-se perante forças que atuam para além de sua consciência e razão.

A criação artística consiste, naturalmente, em algo bastante impreciso e vago, um conceito que alia o fator transcendental, “divino”, inacessível, ao simples labor prático, contemplado nos esboços, anotações diversas, rasuras, reescrituras, enfim, todo um trabalho bastante racional e prático. Reconhecemos que, para além dos excessos presentes em ambos os discursos, tanto Platão como Dyonelio consideram instâncias de força superior atuando de forma impositiva sobre escritor, que permanece um tanto passivo perante o que emerge de sua consciência e o impele a escrever, algo com autonomia e poder, um outro ao qual o poeta precisa subjugar-se, no entanto, paradoxalmente, é o único médium para que haja uma materialização.

As forças inconscientes que motivam as relações significativas entre o artista e o mundo também atuam no momento em que o escritor volta-se à escritura; com a mesma devoção que os poetas, para Platão,

<sup>6</sup> MACHADO, Dyonelio. In: HOHLFELDT, Antônio. Dyonelio Machado, dez anos depois, volta a lançar seus Deuses econômicos hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1976. (1ª parte) / Dyonelio Machado deixa como herança a certeza da solidariedade humana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 set. 1976. (2ª parte)

resignam-se a serem meros “intérpretes dos deuses” (Íon, 533 E/534 C), o escritor deve resignar-se a ser um mero “instrumento da personagem”, caso contrário, “não é um escritor”. O artista deve entregar-se ao material que emana de seu interior, manifestações que rogam por expressão. Tal momento em que – segundo Dyonelio – se entra “num verdadeiro delírio”, onde “[p]õe-se a personagem a falar, como as crianças fazem com as bonecas”<sup>7</sup>, não deve ser reprimido pelo escritor, mas vivenciado e expresso.

O escritor precisa dessa entrega às fantasias, assim como uma criança entrega-se aos seus brinquedos. Notemos as seguintes considerações de Freud acerca da fantasia a que o artista se entrega no momento de sua criação, antes lembrando que Dyonelio foi um dos introdutores da bibliografia psicanalítica no Rio Grande do Sul:

Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda a criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispense na mesma muita emoção. A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real (FREUD, 1908a/1988, p.135).

De tal consideração devemos ressaltar o fato de que a criança, no momento em que transpõe as coisas do mundo real para a fantasia, opta por uma ordem nova que

lhe é conveniente. Assim, chegamos a um ponto interessante para a compreensão da literatura de DM, e essencial para conceber o processo de criação artística do autor: a temática que o escritor contempla em suas obras são normalmente associadas a acontecimentos atribulados ocorridos em sua vida, e sua escrita agiu como um desabafo de seus conflitos externos e internos. Essa qualidade de insatisfação dos desejos e atrito com a realidade são fatores pontuais para a motivação da fantasia e da criação literária, mesmo que em relação à última ainda estejam associados fatores relativos à sensibilidade do artista, em sua apreensão perceptual e no modo com que vai lidar com tais insatisfações.

Notemos algumas considerações do estudo acerca da obra *Gradiva*, de Jensen, realizado por Freud em 1907:

Esse método de tratamento, a que inicialmente Breuer chamou de “catártico”, mas que prefiro denominar “psicanalítico”, consiste, aplicado a pacientes que sofrem de perturbações semelhante ao delírio de Hanold [protagonista do romance], em lhes fazer chegar à consciência, até certo ponto forçadamente, o inconsciente cuja repressão provocou a enfermidade (...). (1907/1988, p. 81).

O conceito de catarse remete a Aristóteles, ao considerar que a ação trágica, “suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções” (ARISTÓTELES, 2004, p.35). Tal processo de libertação, o qual o filósofo considera na relação da recepção da obra por parte do espectador, Dyonelio considera no movimento de criação, momento em que usa da escrita para dar vazão a tensões e experiências traumáticas, quando entra em sintonia com uma série de materiais

<sup>7</sup> MACHADO, Dyonelio. In: LADEIRA, Julieta Godoy. Escreva um livro, se puder plante uma árvore. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, Suplemento Mulher (depoimento a Julieta de Godoy Ladeira), jun. 1981. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Caderno Cultura, n. 54, p. 8-9, 21 jun. 1981.

latentes em camadas inconscientes; materiais que, reprimidos, serão motivos de patologias. Desse modo, o momento do desenvolvimento da escritura do romance é quando Dyonelio entra num delírio, quando conectado com suas engrenagens mais íntimas, motivadoras da escritura em movimento.

Para a psicanálise, “a neurose é a grande estimulante da arte”. Uma vez que a fantasia, o sonho, tem como objetivo morder vida aos desejos reprimidos, quanto maior o atrito entre o mundo real e o ideal do artista, mais fecunda será a sua produção e a simbolização da realidade a ser expressa. O sofrimento do artista é transmutado em arte, numa alquimia que se assemelha à transmutação do chumbo em ouro: o artista “se divorcia do meio circundante, isolando-se no seu mundo interior, para transformar em Belo todo um universo de sofrimentos” (SILVA, 1984, p. 36).

Tais concepções sobre a neurose e sua influência na capacidade criadora do escritor podem soar um pouco estranhas ou limitadas para a compreensão da criação literária, mas é parte integrante das concepções do próprio Dyonelio Machado, e tem seu valor para pensar o processo de criação. Em 1929, Dyonelio Machado já cursava os últimos semestres de Medicina, época em que abordou o tema da eugenia em três artigos publicados no *Correio do Povo*, de Porto Alegre. O escritor aborda o tema de forma crítica, questionando e argumentando contra a eugenia em sua busca artificial pela “exterminação dos fracos”, algo “que constitui uma velharia em matéria de seleção humana” (*Correio do Povo*, 13 maio 1929). Dyonelio questiona o conceito de “fracos”, argumentando acerca do gênio de vários escritores consagrados,

portadores de diversos distúrbios mentais. Notemos em suas próprias palavras:

Tomemos um exemplo da literatura, dos mil que naturalmente se oferecem a quem tenha alguma convivência com a história literária ou artística, visto que os homens de espírito em regra são seres dalguma sorte anormais. Argumentamos com algum caso conhecido, com Dostoievsky, como poderíamos fazê-lo com Ibsen, Schopenhauer, Nietzsche, Maupassant, Maomet, Júlio César, Quental, Euclides da Cunha, Edgar Poe, Verlaine, Camilo, Baudelaire, etc. etc., todos eles portadores, como é notório, dum distúrbio, duma lesão – paranoicos, epiléticos, excêntricos, demenciais, místicos, teômanos, psicálgicos, dipsomaníacos, emotivos. (...)

Mas, o que é mais interessante, e o leitor deve saber perfeitamente, é que se Dostoievsky atingiu aquele poder de análise e de psicologismo com que conduz a obra-prima do romance naturalista – *O crime e o castigo* – foi porque, saindo das suas crises comiciais com a sensação doentia de ter cometido ‘um grande crime’, como confessa, ele pôde, desse modo, pela introspecção, atribuir ao seu famoso personagem (e famoso só por isso) um estado mental mórbido que era aproximadamente o daqueles momentos. Donde se deduz portanto que o fato verdadeiramente positivo da sua arte foi a doença. (MACHADO, *Correio do Povo*, 19 maio 1929).

A personalidade do artista (e seus virtuais distúrbios mentais) propicia uma apreensão de mundo distinta, de modo a conseguir um aprofundamento em sua análise do ser humano, de seus sofrimentos, e a intensidade com que tal vivência é manifestada na obra. Dyonelio, como médico e escritor, conferiu bastante importância na influência da doença no gênio criativo dos grandes escritores, em

especial em Dostoievsky, sobre o qual desenvolve outro artigo em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 1930, ano de sua formatura em Medicina, intitulado “Sobre a gênese de um grande livro”, referindo-se a *Crime e castigo*.

No artigo mencionado, Dyonelio comenta acerca do grande conflito moral que subjaz em *Crime e castigo*, conflito esse bastante familiar a Dostoievsky, como expresso na citação anterior. Nesse ponto chegamos ao quesito da filiação de uma obra literária, que, por mais sutil que seja, não deixa de manifestar traços que remetam a criação ao criador. Mesmo que tal filiação não seja explícita – visto ser influenciada por fatores psicológicos de seus leitores – Dyonelio sustenta que os romances são fruto, o mais das vezes, de uma “sedimentação silenciosa no subconsciente de emoções antigas, nele dispostas lentamente” (*O Jornal*, 31 ago. 1930).

Tais emoções, “antigas”, de “sedimentação silenciosa”, são oriundas de relações conflituosas e traumáticas no íntimo do escritor, que encara a literatura como forma de dar vazão a tais distúrbios e desequilíbrios. Para Dyonelio, o que enriquece a personagem de Dostoievsky é fruto da vivência de seu autor – fruto este que é traumático, mórbido, reflexo de seu próprio criador, daí a relação notória de filiação da obra. Nesse ponto encontramos consonância com as considerações da psicanálise acerca dos conflitos psíquicos em relação à capacidade criativa e propriedade estética de dada obra.

Os conflitos psíquicos provocam tensões no íntimo do escritor e clamam por sua vazão e libertação – caso contrário, podem se tornar insuportáveis para o próprio artista. Esse processo de libertação,

na linguagem psicanalítica, bem se associa ao conceito de sublimação proposto por Freud a partir de seus estudos voltados à sexualidade. Para o psiquiatra sulino,

Saúde mental é adaptação à realidade. Por isso que, sem essa capacidade, não se pode viver: vai-se tomar um veneno pensando que é água, vai-se fumar, não pelo lado apagado do cigarro, mas pela ponta da brasa. Quanto a essa realidade fictícia, que deveria substituir a realidade desprezada, é, mesmo no delírio, simplesmente um decalque da realidade revelada pelo nosso sensorio. Seria muito mais vantajoso para o autor aceitar a realidade criadora e fazer sua catarse apelando para uma suprarrealidade, não destituída de verdade e realismo, porque criada pela arte. Estaria sublimando suas angústias ou sua pouca convivência com o mundo<sup>8</sup>.

Os artistas são normalmente pessoas excêntricas, com certa dificuldade em se adequar ao *status quo* no qual inseridos. No caso de Dyonelio, um rebelde, como o próprio se considerava, que lutou ativamente contra os padrões vigentes na sociedade, tanto na política como na medicina, que tentou tornar realidade as suas concepções humanitárias e sociais. A literatura serviu como válvula de escape de tais emoções frustradas pelo mecanismo de sublimação. No entanto, sofreu com isso, e até o final de sua vida usou de tal meio para uma adaptação à realidade, essencial para uma vida saudável.

A sublimação plena de tais impulsos dificilmente terá êxito, mas tem importante papel em aliviar as tensões originárias

<sup>8</sup> MACHADO, Dyonelio. In: MONSERRAT FILHO, J. Dyonelio Machado denuncia estatização da literatura brasileira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 6, 29 jan. 1977.

das neuroses. O artista, como neurótico, encara a folha em branco como uma possibilidade de manifestação de todo um material reprimido, num elo de confiança em igual proporção com que o paciente encara o analista e deposita sua confiança e credibilidade. Dessa relação Dyonelio estava ciente e, para ele, é causa primária na gênese de seus romances. Notemos o seguinte excerto de uma entrevista de DM, quando questionado acerca da necessidade de o escritor se psicanalisar, ou o caso – uma vez seus traumas já ‘ficcionados’ – de não haver mais necessidade para tal atividade.

A questão nos leva ao problema da gênese da criação artística. Problema tremendo, como todos os que buscam o desvendamento das causas primárias. À primeira parte da sua pergunta é fácil dar uma resposta: se alguma coisa perturba o escritor, alguma coisa que a psicanálise possa remover, ele defrontará o analista como simples paciente. O escritor não está, portanto, em causa. Mas, é claro, não é sobre isso que você quer uma opinião.

Abre-se ao seu escritor uma alternativa: a Arte ou a psicanálise. Por qual das duas se decidir? No caso que você figura, tanto uma como outra libertaria a pessoa dum peso. Subentende-se nesse exemplo que esse peso iria constituir o elemento da criação literária. Tanto é assim que você tem dúvida de que semelhante material ainda subsista como fonte de inspiração, uma vez tenha o seu portador se submetido à psicanálise<sup>9</sup>.

A criação literária como processo de libertação, um ato de sublimação de

angústias e traumas, está bastante presente na obra de Dyonelio: “[t]odas as minhas vivências são utilizadas nos romances”<sup>10</sup>. Sofreu bastante em sua vida, tendo a *necessidade* de sublimar suas angústias e vivências traumáticas através da arte, algumas delas de forma bastante direta. Essa foi a motivação de seu primeiro escrito, aos sete anos, o poema *As calças do babadão*, a propósito de umas calças muito largas, reformadas por sua mãe para ir à escola, que tanto o envergonhava, assim como seu uso consistia em sinônimo de respeito – segundo Dyonelio, sublimação de uma angústia. Também é o caso da produção literária entre os vinte anos que passou sem editar qualquer trabalho literário – de 1946 a 1966 –, porém escrevendo obras como a trilogia *Os flagelantes*, com o primeiro volume, *Endiabrados* (1980), editado cerca de vinte anos depois de sua redação, *Proscritos* (2014), escrito entre 1964-1965, e *Terceira Vigília*, com sua edição em preparo por minha pessoa.

Sua estreia literária anteciparia, de certa maneira, uma marca que caracterizaria a literatura que produziria no futuro: a sublimação das experiências negativas da vida..., bastando verificar-se que dos episódios da sua prisão, no biênio 1934-1935, tirou nada mais nada menos do que material imediato para quatro romances (HOHLFELDT, 1987, p. 18).

A criação da obra mostra-se como uma necessidade; e a ‘musa inspiradora’, de certo modo, assemelha-se a um impulso involuntário de uma força a tomar corpo e voz: sua libertação. Tal material oriundo de vivências traumáticas, como no caso da prisão de DM, pode viver latente em um

<sup>9</sup> MACHADO, Dyonelio. In: HOHLFELDT, Antônio. Dyonelio Machado, dez anos depois, volta a lançar seus Deuses econômicos hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1976. (1ª parte) / Dyonelio Machado deixa como herança a certeza da solidariedade humana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 set. 1976. (2ª parte)

<sup>10</sup> MACHADO, Dyonelio. In: STEEN, Edla van (Org.). Dyonelio Machado. In: *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1982, v.2, p.123-139.

ser durante uma vida inteira: no presente caso, originou a tetralogia *O louco do Cati*, *Desolação*, *Passos perdidos* e *Nuanças*, sendo que o primeiro romance começou a ser escrito apenas em 1941, livro que, segundo Dyonelio, “ajudou a me curar”<sup>11</sup>; e *Nuanças*, escrito apenas na década de setenta. Aqui notamos a intensidade da neurose, que exigiu expressão trinta anos depois do ocorrido.

“Mas a Arte é criação. Digo mais: é criatura, que se expõe a nosso lado como companhia. *O louco do Cati* já saiu da enxovia quase feito, sem ter condições de ser escrito.”<sup>12</sup> Uma vez que os traumas são oriundos das relações entre o mundo interno e a realidade circundante, é preciso uma adaptação à realidade, para que as relações conflituosas entre tais instâncias sejam atenuadas. A “sombra do cárcere”, como o próprio DM refere-se, iria persegui-lo, determinando o rumo de sua vida, assim como o de sua obra. Com o clima bélico imposto pela II Guerra Mundial e sob a tensão de viver sob um regime ditatorial, a saúde do intelectual teve problemas, uma cardiopatia, levando-o a usar a escrita como um mecanismo de sublimação, transformando as experiências de perseguição política e prisão na obra *O louco do Cati* (a própria ideia do Cati é uma lembrança forte de sua região, palco de degolas). Na *Revista do Globo* n. 305, de outubro de 1941, uma reportagem de Justino Martins ilustra o singular processo de criação do romance: DM, acamado por causa da saúde, dita para a esposa e a filha

o livro, pois não tinha forças para escrevê-lo, sendo posteriormente datilografado por Cyro Martins e Lila Ripoll, seus amigos.

Para Dyonelio, a “criação literária ou artística não é arbitrária, nem muito menos motivada”. O escritor reconhece que, no “ato de pôr algo no papel”, há a “necessidade de se desembaraçar de um peso, quer dizer: recorrer a um processo de sublimação”<sup>13</sup>. Desse modo, reconhecemos a relação das vivências de Dyonelio com o conteúdo de suas obras, mas não de forma autobiográfica, uma vez que no processo de sublimação os materiais que tencionam as camadas inconscientes do ser tomam vazão não em sua forma original, mas por meio de uma maneira não conflituosa de satisfazê-los, contornando os mecanismos do recalque: no caso de Machado, através da ficção.

Ao considerarmos a sublimação elemento constitutivo para a criação literária de DM, cabe ressaltar que a produção literária nunca foi seu ganha-pão. Após a prisão o escritor ficou estigmatizado, o que contribuiu para a falta de editores para as suas obras: mesmo tendo diversos originais engavetados, continuou escrevendo.

Encaro a literatura como o produto espontâneo e fatal duma época. É tolice querer dar-lhe moldes. Ela há de representar sempre o trabalho mais ou menos inconsciente da sublimação dos nossos conflitos... De qualquer maneira, um processo de adaptação à realidade presente ou futura, mesmo quando pareça insurgir-se contra ela<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> MACHADO, Dyonelio. In: MENDES, Uirapuru. Aqui, Dyonelio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31 jul. 1966.

<sup>12</sup> MACHADO, Dyonelio. In: LADEIRA, Julieta Godoy. Escreva um livro, se puder plante uma árvore. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, Suplemento Mulher (depoimento a Julieta de Godoy Ladeira), jun. 1981. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Caderno Cultura, n. 54, p. 8-9, 21 jun. 1981.

<sup>13</sup> MACHADO, Dyonelio. In: HOHLFELDT, Antônio. Dyonelio Machado, dez anos depois, volta a lançar seus Deuses econômicos hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1976. (1ª parte) / Dyonelio Machado deixa como herança a certeza da solidariedade humana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 set. 1976. (2ª parte)

<sup>14</sup> (Idem nota 12).

Para Dyonelio Machado, em suma, a criação literária não é arbitrária, nem muito menos motivada; ela surge como uma necessidade de dar vazão a insatisfações oriundas de emoções conflituosas originadas na relação entre a realidade interna e externa do escritor. Tais emoções geram conflitos internos que, reprimidos, permanecem latentes em camadas inconscientes, podendo levar o sujeito a estados patológicos. O escritor, por sua vez, recorre ao mecanismo de sublimação através da ficção, a qual não deixa de ser produto espontâneo e fatal de uma época, uma voz que traduz não a si mesmo apenas, mas a conjuntura da qual é produto e com a qual trava um tenso diálogo. A tensão de uma atmosfera social e a tensão psicológica do artista em consonância, a capacidade do universal traduzir-se por meio da empiria do escritor.

Mas cabe pensar em que medida a obra artística, corpo estranho e resistência ao sistema sociocultural, de fato leva a artista a uma adaptação da realidade. Em que medida a obra cria um sonho em que o artista atinge o mundo irreal ou articula o *spleen* de Baudelaire, a náusea de Sartre, a fim de escancarar e afrontar o sistema a partir de um ser autônomo, uma criatura além do domínio do criador, com potencialidade para dialogar em diferentes níveis com os leitores e sua realidade? Por mais que fatos da vida de Dyonelio ilustrem suas obras – isso é uma questão inquestionável a partir de variados estudos desenvolvidos –, acredito que sirvam como meio de orquestrar um novo órgão, vivo em sua tensão inerente, um desdobramento de algo que se opõe ao próprio meio de onde surgiu, um outro.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- FREUD, Sigmund. (1907). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. IX). 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- \_\_\_\_\_. (1908a). Escritores criativos e devaneio. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. IX). 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- GASTAL, Ney. Dyonelio Machado: A literatura está em conflito com a época. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 7, 7 jul. 1973.
- HOHLFELDT, Antonio. *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: IEL, 1987. (Letras Rio-Grandenses, 10).
- \_\_\_\_\_. Dyonelio Machado, dez anos depois, volta a lançar seus Deuses econômicos hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1976. (1ª parte) / Dyonelio Machado deixa como herança a certeza da solidariedade humana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 set. 1976. (2ª parte).
- LADEIRA, Julieta Godoy. Escreva um livro, se puder plante uma árvore. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, Suplemento Mulher (depoimento a Julieta de Godoy Ladeira), jun. 1981. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Caderno Cultura, n. 54, p. 8-9, 21 jun. 1981.
- MACHADO, Dyonelio. *Deuses econômicos*. Porto Alegre: Garatuja, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Moema*. (Original do autor, sem data, Acervo Literário Dyonelio Machado, DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural).
- \_\_\_\_\_. O amor e sua filosofia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 maio 1929.
- \_\_\_\_\_. Reabilitação dos débeis. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 maio 1929.
- \_\_\_\_\_. Sobre a gênese de um grande livro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1930.
- MENDES, Uirapuru. Aqui, Dyonelio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31 jul. 1966.
- MONSERRAT FILHO, J. Dyonelio Machado denuncia estatização da literatura brasileira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 6, 29 jan. 1977.
- PLATÃO. *Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.

PLATÃO. *Diálogos de Platão: Ion*. ([http://www.consciencia.org/platao\\_ion.shtml](http://www.consciencia.org/platao_ion.shtml)), maio 2010).

RODRIGUES, Iara; BONILLA, Aniluz. *Além do Cri-cri*, Porto Alegre, ano 10, n. 3, p. 1-3, maio 1980.

ROSE, Marco Túlio de. Dyonelio Machado, o último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 38-39, 26 dez. 1975.

SILVA, Valmir Adamor da. *As neuroses dos grandes escritores*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

STEEN, Edla van (Org.). Dyonelio Machado. In: *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1982. v. 2, p. 123-139.

Recebido: 09 de maio de 2016.

Aceite: 10 maio de 2016.